

O feminino, entre centro e ausência¹

Miquel Bassols

Na página 117 do Seminário "... ou pior", Lacan diz: "Não é por acaso que primeiro preciso me apoiar no Outro. O Outro, entendam bem, é um *entre*, portanto, o entre de que se trataria na relação sexual, porém deslocado, justamente por se posicionar alhures, por se *outropor* [*s'autreposer*]"².

Oxalá houvera um "*entre*" entre o homem e a mulher! Ao menos isso nos daria a ilusão de que há relação sexual, de que esse "*entre*" existe. É exatamente isso que Lacan vai por em questão. Quando diz: "por interpor-se como Outro", esse "*entre*" não funciona. "É curioso que, ao posicionar esse Outro, o que tive para enunciar hoje diz respeito apenas à mulher. É justamente ela que nos dá, dessa figura do Outro", encarnando esta alteridade, "nos dá a ilustração ao nosso alcance, por estar, como escreveu um poeta, *entre o centro e a ausência*"³. A mulher, o feminino, se situa aqui em um espaço muito singular. E nos apresenta um paradoxo: se há centro, a borda é uma ausência; e se há borda já não há centro possível. Parece muito aquela ideia de Blaise Pascal que Lacan retoma em diversas ocasiões e que cita várias vezes: "Estamos em um universo que é uma esfera infinita, cujo centro está em todas as partes e a circunferência em parte alguma"⁴. Essa é a estranha localização que Pascal encontra em um universo e que curiosamente é também o paradoxo nas neurociências de hoje, quando não podem localizar a consciência em nenhum lugar. Raymond Ruyer, - outra referência de Lacan - a definia precisamente como um espaço sem bordas.

Transbordada e transbordado

"Me sinto transbordada", é uma frase com a qual se apresenta uma mulher em seu primeiro encontro com o psicanalista. É uma frase que também podemos escutar de alguns homens, especialmente obsessivos. O sujeito obsessivo pode apresentar-se como alguém transbordado pela demanda do Outro, sempre impossível de satisfazer. É um modo de obliterar, de negar a dimensão do desejo do Outro que não coincide nunca com sua demanda. Porém, o que vinha na continuação da frase desta mulher, "me sinto transbordada", situava o problema da borda de uma maneira muito distinta daquela do sujeito obsessivo. Seguia dizendo "me transbordo", "me ultrapasso a mim mesma": não é o outro que a transborda, como no transbordamento do obsessivo. Aqui, é algo nela mesma que a ultrapassa, que excede seus próprios limites, desde o interior e de um modo que apaga de imediato a diferença entre interior e exterior. Isto faz dessa borda algo distinto de um limite, de uma fronteira claramente estabelecida entre um espaço e outro, entre dois espaços que estariam fechados um para o outro, como aparece no transbordamento do sujeito obsessivo. A simples ideia de sentir-se transbordada por si mesma nos indica um espaço do feminino distinto do espaço fechado, onde o interior e o exterior estão claramente definidos.

Borda, limite e fronteira

Seguindo Lacan, a lógica do significante responde a uma lógica binária, de presença e ausência, que nos permite definir muito bem o que está e o que não está. Em primeiro lugar, o falo materno, que é a primeira forma de presença e ausência, vincula o sujeito a esse espaço do interior e do exterior. Transbordar-se a si mesma é uma forma de captar-se como atravessada por uma alteridade que envolve a si mesma, sem se deter em nenhum limite. Para o feminino, se

há bordas estas são, de qualquer forma, bordas sem um limite, sem uma fronteira definida. Para levar em conta a noção de limite que Lacan retoma da matemática, não se trata aqui do limite como um ponto de chegada. Marcus André Vieira nos recordava isso muito bem, indicando esta ideia: "Nas matemáticas, o limite não é um ponto de chegada, é definido de saída explicitamente como aquele elemento que a série, por definição, não poderá incluir"⁵. Cada elemento da série pode ser qualquer coisa, qualquer coisa menos esse limite que fica fora da série, mas que ao mesmo tempo define a própria essência da série. A essência da série está, assim, fora de si, que é outra maneira de dizer que alguém está transbordado. Já não se trata do limite como uma barreira, um obstáculo, um impedimento, mas sim como um empuxo ao infinito. É um empuxo no qual o empurrado não cessa de não chegar a esse limite tão interno como externo. A ideia de assintótica em matemática, que Freud introduziu a propósito do caso Schreber e que Lacan retoma para situar este novo espaço do real do gozo, é o melhor modo de abordar esta nova dimensão da borda, uma borda assintótica, sem limite ou, melhor dizendo, com o limite no sentido matemático. Uma borda que tende ao infinito, um limite que deixa sempre aberta a série de seus elementos. De fato, o que chamamos de corpo falante e seus orifícios se apresentam muitas vezes na experiência subjetiva, seja no sonho ou na experiência de um gozo estranho, com esta dimensão de borda sem limites. Esta dificuldade de localização do feminino que necessita recorrer a uma lógica e a uma topologia distintas da lógica binária do significante e do espaço métrico do contável, tem muito em comum com o espaço e a posição do analista tal como Lacan a situou na experiência analítica.

Autorizar o feminino

Conhecemos a aproximação que Jacques Lacan fez entre a posição feminina e a posição do analista, até afirmar que as mulheres podem ser as melhores analistas, mas também as piores. A pergunta é se há algo da autorização do feminino no que chamamos autorização do analista. Neste texto de 1937, "Análise terminável e interminável", se encontra a expressão "a desautorização da feminilidade"⁶. Trata-se do nó irreduzível, para Freud, do rochedo da castração ao final da análise freudiana. A rejeição da posição feminina tomaria, tanto para o homem como para a mulher, a forma de uma desautorização da feminilidade.

A reivindicação fálica toma na mulher a forma do *penisneid*. *Neid* seria melhor traduzido por "reivindicação", e no homem tomaria o valor do temor da castração. Ambas são lidas por Freud como uma desautorização do feminino, como o Outro lado da posição fálica. Em Freud esse Outro lado do falo foi nomeado como o continente negro, o enigma indecifrado, a "terra incógnita" do feminino. E nos apresenta esse objeto singular do feminino de um modo que se parece muito com aquele objeto famoso do conto de Borges "O disco de Odin" que tem só um lado e quando cai do Outro lado desaparece. A feminilidade aparece em Freud, como essa "terra incógnita" sem representação, lugar inexplorado e inexplorável com os instrumentos cartográficos da lógica fálica ou edípica. É o lugar, em todo caso, de uma rejeição para ambos os sexos, o lugar de um exílio interior do ser falante, e esse objeto - finalmente - de uma desautorização. A pergunta pode ser colocada assim: Como cada sujeito se autoriza na feminilidade?

O feminino é neutro e singular

O feminino, como distinto da feminilidade representável em diversas figuras fálicas, não é o gênero feminino, mas que tem a virtude do neutro, mais além do gênero, da significação, dos sexos como representáveis.

Neutro quer dizer que escapam a essa lógica do significante que diferencia masculino e feminino. O neutro tem a terminação no masculino singular, porém é só um semblante. Decididamente o feminino escapa à linguagem. Outro detalhe gramatical importante do feminino é que não admite plural.

Inevitavelmente a linguagem e a sugestão das significações que induz o significante, nos leva a pensar a diferença masculino-feminino como uma diferença natural, mas é a linguagem quem nos sugestiona, porque o significante é a diferença mesma. Sendo assim, o famoso artigo de Freud "Algumas consequências psíquicas da diferença sexual anatômica"⁷ deveria, em realidade, ter como título "Algumas consequências psíquicas da percepção e simbolização da diferença sexual anatômica", porque sem a linguagem não haveria possibilidade de situar essa diferença. Não só isso, o problema é que a linguagem nos induz a pensar que a diferença masculino-feminino seria feita de simetria e reciprocidade. A verdadeira diferença sexual não é a diferença significante, é - como destaca Lacan - a diferença do sexo e do gozo como Outro, como alteridade radical para cada sujeito.

A bússola do objeto

O primeiro ensino de Lacan levará ao limite os paradoxos da lógica freudiana e explorará esta "terra incógnita" do feminino com a bússola do objeto a. Com esse objeto a vai situar os sexos não só em uma assimetria radical, mas também - o que é mais importante - em uma não-reciprocidade. E aí, convém reler os parágrafos do seminário "Mais, ainda"⁸ para tentar captar a lógica abrupta a qual o ensino de Lacan irá submeter ao campo do feminino. O feminino é uma tentativa de nomear esse objeto a-sexuado - como o chama Lacan neste seminário - "puro gozo do corpo do ser que fala e que não cessa de não se

escrever", indicando-nos assim seu vínculo com o real. A partir desta perspectiva, no feminino, a dimensão do objeto fica fora da lógica da diferença significante. No campo dos sexos vamos ver que a mulher ocupa o lugar do Outro, mas o homem não ocupa o lugar do Outro do Outro. Aí deixa de haver a reciprocidade. Uma mulher jovem me dizia isso de uma maneira muito precisa, falando do tango disse que se confronta "com sua própria solidão". Disse isso da seguinte maneira: "Um homem dança o tango com uma mulher. Uma mulher dança o tango com ela mesma". Poderíamos acrescentar - seguindo a fórmula lacaniana - que dança o tango com ela mesma... através do homem. Uma mulher pode dançar com ela mesma de outra forma que não seja através do homem? Creio que esta é uma pergunta para abordar o feminino na modernidade. Em todo caso é uma fórmula que recorda o parágrafo de Lacan em "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina" onde escrevia: "O homem serve aqui de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele"⁹. A mulher, através do homem e sem que haja uma relação recíproca, é Outra para si mesma como o é para ele. Nesta alteridade, sem simetria nem reciprocidade, a feminilidade está confrontada ao feminino, ao a-sexuado do ser, sem representação possível.

Devemos passar da lógica da borda como fronteira à lógica da borda como litoral, operação que Lacan indicará sobretudo, em seu texto "Lituraterra"¹⁰, mas também no Seminário 19. Quando há uma fronteira entre dois países, isso supõe uma reciprocidade, se podem estabelecer vínculos, representações recíprocas, como por exemplo, consulados. Há um "entre" os dois campos. Aqui a borda funciona como uma fronteira, porém, permite também uma reciprocidade. A ideia que Lacan introduz com o litoral muda totalmente esta concepção espacial, porque o litoral supõe que não há um espaço "entre" possível. Todo um campo - diz Lacan - faz fronteira para o outro, sem limite. Uma

experiência parecida pode ter sido vivida por Cristovão Colombo no momento de lançar-se ao mar sem saber o que havia do outro lado. Quando falamos de litoral não há "entre", não há reciprocidade nem há relação proporcional possível entre os dois espaços. Esta é a não relação entre os sexos produzida pelo campo do gozo. O feminino não sabe de fronteiras. E o tango parece mover-se nesse espaço mais além do falocentrismo, que podemos definir agora entre centro e ausência, sem fronteira nem reciprocidade. Será Jacques Lacan quem irá mais além da lógica fálica e edípica, na qual tudo deveria estar ordenado pelo par falo/castração, um/zero, presença/ausência, seguindo a lógica da fronteira.

A esfera e a elipse

Mais além do falocentrismo, o feminino constitui um universo no qual os corpos giram em uma trajetória que poderíamos chamar elíptica, tendo em conta que a elipse é uma trajetória distinta da circular, embora o elíptico evoque também aquilo que fica ausente, aquilo que está suposto porém não aparece. A elipse tem dois focos, e esses dois focos são em nosso caso o falo como centro e o gozo do Outro como ponto cego. O foco do gozo do Outro, o que não seria o gozo fálico, seria o gozo que não faria falta ou que faria falta que *não*.

Entre centro e ausência se abre assim um espaço que já não pode funcionar segundo a lógica da presença e da ausência, do um e do zero. É o problema do número real que Lacan evoca em muitas ocasiões e também a propósito do paradoxo de "Aquiles e a tartaruga" que se movem em espaços de gozo distintos. Uma versão da relação sexual que não existe, é esta a relação impossível entre Aquiles e a tartaruga que se movem em espaços de gozo distintos. Aquiles se move em um espaço ordenado pelo S1 e S2, pelo significante fálico e sua relação com seu outro

significante, S2. A tartaruga se move nesse outro espaço que chamamos - sempre provisoriamente - o espaço do gozo do Outro, ou da Outra, ou do gozo do Outro. É um espaço mais aquém ou mais além do falo como significante que o simboliza.

Mas ainda há algo mais. Não só Aquiles não pode alcançar a tartaruga com a lógica métrica do falo, não só a perde na infinitude (ou a encontra na infinitude), em uma ausência tão irrepresentável como irreduzível. O verdadeiro problema é que a tartaruga também é tartaruga para ela mesma. O problema real é que a mulher, no terreno do feminino, é Outra para si mesma como o é para ele. Precisamos tentar imaginar em cada sujeito esta tartaruga que é Outra para si mesma, é a que habita em cada sujeito da experiência analítica, corra como Aquiles ou não, se saiba tartaruga ou não. Sempre se é tartaruga para si mesmo quando se trata do real do gozo, mais além ou mais aquém do gozo ordenado pelo falo.

Solidão à segunda potência

O espaço do feminino se produz, existe, entre centro e ausência, entre o centro simbolizado pelo falo e a ausência mais radical, a que se produz na solidão do gozo feminino quando o sujeito se confronta com sua própria ausência. É a solidão, se me permitem dizer assim, elevada à segunda potência, difícil de alcançar. Na realidade é uma ausência e uma solidão para ninguém, porque é ausência só para outra ausência. Às vezes, na clínica analítica, temos o testemunho deste ponto de solidão em algumas mulheres. Parece muito mais difícil escutá-lo nos homens. Esta ausência elevada à segunda potência é também um modo de entender essa relação sexual que não existe, que não pode se inscrever no real. Antígona nos apresenta sua experiência no espaço definido por Lacan como o espaço entre duas mortes, também, entre duas ausências.

Porém, como diz muito bem Woody Allen, "A comédia é a tragédia passado algum tempo", só tem que saber esperar o momento oportuno para que a tragédia vire comédia. E esta versão trágica da não relação sexual se parece um pouco com aquela inesquecível cena dos Irmãos Marx na qual dois espiões deviam espionar um homem muito escorregadio que sempre lhes escapava. Um dia este homem escorregadio não apareceu; outro dia, como dizem os próprios espiões, foram eles que não apareceram. Isso pode levar a um desencontro trágico. Entretanto, o dia mais interessante, o mais cômico também, é o dia em que não apareceu ninguém, o dia que não compareceram nem uns nem outros, nem o espião nem o espionado. Esse dia é precisamente o dia do gozo do Outro, podemos dizer. É o dia em que cada um está ausente para si mesmo, e também para o Outro, em que cada um é tartaruga para seu próprio ser de tartaruga.

Violência de gênero

Nas relações sexuais que sim existem, na realidade cada um se apresenta ao encontro com sua fantasia. Uma fantasia que vem no lugar do gozo do Outro, se este existisse; e esta relação sexual que não existe, que não pode escrever-se no real, mas que ao mesmo tempo deve tentar escrever em cada ato que se pretenda verdadeiro, esta relação que não existe graças - mais do que por culpa - ao feminino que habita esse estranho lugar da elipse cuja trajetória se constrói entre centro e ausência. A diferença entre dizer "não existe graças a" ou "por culpa de", poderia nos dar hoje a diferença da chamada violência de gênero. Existem homens que pensam que se isso não existe [a relação sexual] é por culpa da mulher, que isso é intolerável e motiva muitas vezes a passagem ao ato violenta contra esse espaço, se ele existisse. É o feminino, mais aquém ou mais além do gozo fálico, o que

introduz em realidade a não relação sexual, a relação que não pode escrever-se entre centro e ausência.

Ecolalias

Há um livro interessante que encontrei, "Ecolalias"¹¹, de um tal Daniel Heller Roazen, um linguista, que estuda o esquecimento das línguas, as que se perderam e também as línguas esquecidas que subsistem de alguma maneira em cada língua. Ele parte de uma observação muito simples que gostaria de recorda-lhes e que encontramos em Roman Jakobson: uma criança é capaz de articular uma soma de sons que nunca estiveram reunidos na mesma época em nenhuma língua, nem sequer em uma família de línguas, consoantes, por exemplo, com pontos de articulação variadíssimos. Quer dizer que *lalíngua*, esse objeto que Lacan constrói e que é diferente da linguagem, é um contínuo no qual não há propriamente diferença entre um elemento e outro, como ocorre na lógica significante. Há em *lalíngua* uma continuidade de um gozo que estará vinculado à letra, até que a mãe, o Outro, fonetiza - disse Jakobson - o corpo da criança introduzindo essas diferenças significantes. Algo do materno recorta, significa, introduz diferenças significantes em uma materialidade do gozo que, em si mesma, não inclui estas diferenças. É a mesma lógica com a qual Lacan distingue *lalíngua* e a linguagem como elucubração sobre *lalíngua*. Não devemos esquecer que nós analistas trabalhamos diariamente com esta materialidade de *lalíngua* em cada sujeito. A mãe fonetiza o corpo da criança, quer dizer, recorta no corpo da criança uma série de ressonâncias ao introduzir diferenças de sons. E Lacan retoma isso criando um neologismo, escrevendo fonetizar com o *ph* do falo e assim, fala do *phono*, dessa dimensão que introduz algo do representável, do ruído, transformando-o em som e em significante. Podemos seguir de fato com o tema musical e perguntarmo-nos como um ruído se transforma em

som e como um som se transforma finalmente em um significante. Tudo isso segue o caminho da *phonetização* do gozo no corpo. São três dimensões distintas, e é um trabalho muito complexo distingui-las. Desde sua perspectiva, aprender uma língua é esquecer algo nela, é esquecer sons que se poderia perceber na infância e que já não se percebe mais. Porém, algo desse esquecido subsiste em cada língua, em cada um de nós, algo que devemos saber escutar nas marcas que ficam em cada um. Me parece que é uma boa ideia para entender *lalíngua* em Lacan. Aquilo que habita na língua que falamos, que não é igual à língua que falamos e que subsiste em sua materialidade de gozo no corpo, nas ressonâncias que subsistem dessa língua no corpo. Em uma análise podemos vislumbrar como ressoa *lalíngua* no corpo do sujeito mais além da fonetização a que foi submetido ao longo de sua vida.

Alteridade radical do Um só

Há então dois modos de abordar o feminino. Há o feminino como S2, como um segundo significante em relação ao S1 do falo. É uma lógica que podemos verificar que nos deixa sem saída para agarrar a tartaruga em questão, e é a razão dos paradoxos e desencontros nas falsas simetrias e reciprocidades nas quais se movem tanto a teoria do gênero como o próprio mundo das identidades sexuais. Por outro lado, a partir de outra lógica, encontramos o feminino como a alteridade radical do S1 só, e é o feminino que se perde quanto mais se busca.

Vocês encontrarão esta referência no curso de Jacques-Alain Miller "O ultimíssimo Lacan", nas páginas 157-158. Situa o discurso do analista precisamente desse lado, do lado feminino, como o lado do *Um só*, de um *Um* que não é fálico, que não é o *Um* que remete a outro significante. É o S1 em torno do qual se constrói o famoso *sinthoma* com *th*, do final do ensino de Lacan. E leio para vocês a ideia de

Jacques-Alain Miller sobre este *Um* só no seguinte parágrafo: "O S1, justamente porque tem o sentido do *Um*, implica, aguarda, pede um S2, porém sabendo ao mesmo tempo que não virá".¹² A frase que melhor convém ao analista, como ao feminino, seria então: "aguardo, mas não espero nada" e isso está na linha de um S1 que não espera um S2. Este seria o ponto em comum entre o feminino e o analista. A fórmula, devo dizer, se parece muito a outra do poeta José Lezama Lima que diz: "não espero ninguém mas insisto em que alguém tem que chegar". E se espero, pois bem, se espero, não chega. Sucede algo muito parecido no campo do gozo, especialmente no gozo sexual: se espero um pouco demasiado, não chega.

O feminino é mais da ordem do contingente, não é nada necessário, é da ordem do encontro fortuito, do acaso sem relação necessária de causa e efeito como pretende a ciência. O feminino, como posição mesma do analista, no que chamamos sua atenção flutuante - que é uma maneira freudiana de dizer "aguardo, mas não espero nada" - em sua própria autorização no desejo que o sustenta, é desta ordem. Não esperem nada, só aguardem-no. Saibam só que tem que chegar ... entre centro e ausência.

Respostas às perguntas e intervenções

Fronteira no corpo

As paralisias histéricas são um primeiro mapa com fronteiras que o sujeito tenta fazer sobre o feminino do gozo. O que chamamos somatizações na histeria seguem com frequência os modismos, as fronteiras que a moda vai estabelecendo no corpo feminino. Não há paralisia em qualquer lugar, não há somatização em qualquer lugar senão seguindo, às vezes de maneira muito precisa, as linhas da moda: até onde chega o decote, até onde vai a saia. De modo que podemos dizer que as paralisias histéricas, a história das paralisias histéricas - também a história do sintoma

histórico em geral como somatização - é uma tentativa de desenhar fronteiras no corpo do feminino. Como temos dito, o problema é que o feminino não tem fronteiras, porém o sintoma é justamente uma forma de escrever fronteiras no corpo sobre o gozo do feminino.

Olhos bem fechados

Que a mulher feche os olhos no tango me parece uma consequência quase lógica do que estávamos dizendo. Pensava também nessas figuras do Barroco, às quais Lacan dá toda atenção, desde Santa Teresa até Ludovica Albertoni de Roma. Em outra escultura menos conhecida de Bernini, "O êxtase da beata Ludovica Albertoni", a mulher está em posição de êxtase como Santa Teresa, porém, com os olhos fechados ou prestes a se fecharem. Aí a experiência de gozo evoca de imediato a borda da pulsão de morte. O problema é que com Santa Teresa ou com Ludovica Albertoni não se pode dançar o tango ... porém, sim, se pode aprender algo, como fez Lacan, das fórmulas nas quais o gozo feminino aparece na história da arte

O sexo é o feminino

O que Lacan diz de uma maneira muito radical é que o sexo é o feminino: "o sexo em meu ensino se entende como o feminino". Quer dizer, situa a dimensão do sexo como a alteridade do gozo feminino. E é por isso que, dirá finalmente em "O aturdido"¹³, a posição heterossexual, seja um homem ou uma mulher, é amar a uma mulher, na medida em que ela faz presente esta alteridade do gozo para cada um. Esse é todo o problema, como amar algo do gozo hétero que aparece em um homem e em uma mulher de distintas formas? Estaria de acordo com a ideia de que sempre estamos expostos a tentar dar uma forma ao que não tem forma do feminino. É também tentar "terapeutizar" o que não se pode curar em um sujeito - e que finalmente aparece como o

incurável. É nisso que é preciso autorizar-se finalmente. Na medida em que o analista se autoriza no feminino, vai na contracorrente da hesitante psicoterapêutica.

O supereu, feminino.

A observação da identidade entre gozo feminino e supereu feminino é um equívoco sobre o feminino e também sobre o supereu. Jacques-Alain Miller fez uma boa elaboração sobre isso ao dizer que temos que distinguir o supereu do gozo como feminino.

Outra coisa é que o problema do gozo feminino se mostra ao homem, às vezes, de maneira insolúvel, se transforma em uma lei que se contradiz sempre a si mesma. Ao estilo de: é assim que como pai deves ser, é assim como pai não deves ser, que é como Freud o formula em "O eu e o isso"¹⁴. É uma antinomia impossível de resolver.

Vimos que na dimensão do feminino aparece um real sem lei, para retomar a expressão de Lacan. O sujeito masculino muitas vezes tenta fazer disso uma lei de ferro. Aí sim, neste caso haveria uma conexão direta entre o supereu e o feminino até o ponto de podermos presumir o supereu como feminino. Porém não deveria igualar-se ao gozo feminino como tal, é justamente o oposto. O que temos dito do gozo feminino é que é um espaço que não se deixa representar pelas fronteiras da linguagem ou da lei mesma.

Tradução: Ondina Machado

¹ Texto publicado no site da XV Jornada de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis: *Mujeres*. Disponível em: <http://mujeres.jornadaselp.com/textos-de-orientacion/textos-de-orientacion-lo-femenino-entre-centro-y-ausencia/>. Posteriormente foi lançado o livro de mesmo nome com diversos textos relativos ao tema. Ver: BASSOLS, M. (2017) *Lo femenino, entre centro y ausencia*. Buenos Aires: Grama Ediciones.

² LACAN, J. (2012[1971-1972]) *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, p.117.

³ IDEM. Ibid.

-
- ⁴ PASCAL, B. (2001[1670]) *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, p.79.
- ⁵ VIEIRA, M.A. (2011) "Limites". In: *Latusa Digital*, n.47, ano 8. Disponível em: http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_47_a1.pdf
- ⁶ FREUD, S. (1998[1937]) "Análise finita e infinita". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, p.252-253.
- ⁷ IDEM. (1998[1925]) "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Op. Cit., pp.271-286.
- ⁸ LACAN, J. (1985[1972-1973]) *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.
- ⁹ IDEM. (1998[1958]) "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 741.
- ¹⁰ IDEM. (2003[1971]) "Lituraterra". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, pp.15-25.
- ¹¹ HELLER-ROAZEN, D. (2010[2005]) *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Trad.: Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Ed. Unicamp.
- ¹² MILLER, J-A. (2013) *El ultimíssimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, p.158. N.T.: Versão em português: MILLER, J-A. (2009) *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 161.
- ¹³ LACAN, J. (2003[1972]) "O aturdito". In: *Outros Escritos*. Op. cit., pp.448-500.
- ¹⁴ FREUD, S. (1998[1923]) "O Ego e o Id". In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológica Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Op. cit., pp.15-80.